

A TRADIÇÃO APÓCRIFA E OS BISPOS

É predominantemente por considerações pragmáticas que o episcopado abre espaço ao cristianismo apócrifo, sob o nome "religiosidade popular" ou "fé do povo".

1)A Luta pela Ortodoxia

Quando, na primeira parte do século IV, os bispos se reúnem em Niceia (325) para sua primeira assembleia geral, Jesus, para eles, não é mais o aldeão de Nazaré que se transforma em incansável pregador do Reino de Deus, mas o Filho de Deus que desbanca praticamente todas as divindades do panteão romano. O povo festeja seu nascimento no dia de Natal, festa tradicional do "Sol Invicto" no calendário romano. Maria não é mais a mulher do povo, mas já é venerada na própria capital Constantinopla, em plena construção, como Rainha do céu e da terra. José desde muito deixou o ofício de operário, agora conta com muitos devotos que o veneram como padroeiro da boa morte. Hércules lutador cede diante de São Miguel e Apolo curandeiro diante de São Sebastião. O mundo mudou, e com ele a tradição de Jesus.

Nem todos os bispos encaram essa mudança da mesma forma, mas em Niceia vencem os "ortodoxos", ou seja, os que defendem a verdadeira doutrina. Isso fica claro na condenação do teólogo alexandrino Ário, que discute com Ósio a seguinte questão: como entender a relação entre Jesus Cristo e seu Pai celeste? Ambos são totalmente iguais ou apenas parecidos? A discussão gira em torno de uma só letra de um adjetivo grego: "homoousios" versus "homoiousios": igual em natureza

ou de natureza parecida (os teólogos daquele tempo gostam de discutir em cima de palavras).

Mas essa discussão não é só teológica, pois tanto Ario como Osio arregimentam hordas de monges nada pacíficos, capazes de arrasar mosteiros ou comunidades do campo oposto. Des de arrasar mosteiros ou comunidades do campo oposto. Por trás da briga entre Ário e Ósio, trava-se uma luta pelo controle sobre o movimento monacal, de grande influência e considerável poder financeiro. A linguagem teológica encobre lutas por privilégios, posições na sociedade, poder. É aparentemente por motivos teológicos e pastorais que os bispos são convocados pelo imperador Constantino a se reunir em Niceia no ano 325. Na realidade, essa reunião faz parte de um plano criado pelos Think Tanks do império e resulta numa importante vitória da política imperial, preocupada em unificar as forças vivas da sociedade em torno de uma religião capaz de remir o projeto imperial que sofre com divisões, contendas, corrupção e principalmente falta de ética. Ora, pensam os conselheiros do imperador, é nisso que o movimento cristão pode dar uma boa contribuição. Os princípios éticos que o sustentam podem ser benéficos para o saneamento da vida pública em todo o império. Em outras palavras, o importante não consiste em optar por Ário ou por Ósio, o que interessa é a unificação do movimento cristão como força aglutinadora das forças vivas no império. O imperador quer um clero unido em torno de um Credo, uma corporação de grande coesão, em benefício da vida pública romana. Assim nasce a ideia da Ortodoxia, ou seja, da luta pela unificação do pensamento cristão com vistas na unificação das forças vivas no império romano.

O grande modelo do lutador pela Ortodoxia é o metropolitano Atanásio de Alexandria, que, no decênio entre 346 e 356, consegue impor o modelo ortodoxo em toda a região por ele controlada, em meio a perseguições, exílios, ameaças contra sua vida, dificuldades de toda espécie. Ele é o grande campeão da ortodoxia no século IV, seguido, no século V, por Agostinho e Leão I, no século V. Por causa principalmente desses três lutadores, a ortodoxia cria força e se torna hegemônica por muitos séculos, apesar de apresentar dois grandes defeitos. Em primeiro lugar, a ortodoxia não está assentada em pesquisa histórica. Seus teólogos não praticam a ciência histórica, e isso constitui sua maior falha. Em segundo lugar, o pensamento ortodoxo não lê a Bíblia mediante uma análise literária de seus textos, e esse é um defeito que só hoje começa a ser percebido, com a reviravolta linguística do século XX.

2)O que se passa por trás do Cristianismo Apócrifo?

Nem todos os bispos que participam do Concílio de Niceia embarcam na política da unificação das estruturas cristãs. Em primeiro lugar, há uma longa tradição de convivência entre diversos agrupamentos, chamados "heresias" (escolhas). As pessoas escolhem escutar determinado Mestre porque gostam do que ele diz. Mestre Hermas, Justino, Marcião, Valentino, só para falar do século II. O bispo Cipriano (Cartago, África do Norte, entre 249 e 258), por exemplo, luta contra o mundo desonesto e sanguinário que o envolve, mas não vê problema na diversidade de devoções praticadas pelos fiéis. Ele assiste à passagem da devoção a Cibele à

devoção a Maria, de Asclépio a Jesus Cristo, de Osíris a José, de Hércules a Miguel, de Apolo a Sebastião. As "heresias" são muitas, mas Cipriano não se incomoda. Ele pertence àquele segmento do episcopado que compreende que aqueles que pedem socorro a São Sebastião são filhos e netos dos que pediam socorro a Apolo e que aqueles que invocam o Arcanjo Miguel são descendentes dos que invocavam Hércules. Nesse sentido, pode-se dizer que a luta pela Ortodoxia sempre enfrentou oposição por parte do cristianismo apócrifo vivido pelos fiéis. Um caso exemplar é o da devoção a Maria. Em seus encontros no decorrer dos séculos IV e VI, os bispos discutem reiteradas vezes como falar de Maria. Ela é "mãe de Jesus" ou "Mãe de Deus"? Nos Evangelhos não consta que Maria é "mãe de Deus". Além disso, o título é da deusa Cibele. Mas há os que lembram que os fiéis teimam em dizer que Maria é Mãe de Deus. Os bispos hesitam, até que, finalmente, na Assembleia de Éfeso, no ano 431, cedem diante do cristianismo apócrifo e mandam registrar nos documentos oficiais: "Maria, Mãe de Deus". Aparece aqui uma dependência da estrutura episcopal. Ela repousa no cristianismo apócrifo mais que muitos bispos admitem, mas, afinal, deve-se reconhecer que a hierarquia subsiste graças à fé e às contribuições financeiras do povo fiel. E o povo que confere prestígio, honorabilidade e segurança aos bispos. O que é um bispo sem a religião apócrifa do povo?

Por trás do cristianismo apócrifo se opera uma movimentação que não é de caráter religioso, mas se expressa em termos religiosos. O movimento cristão articula, na base da sociedade romana, uma rede associativa de socorro a prementes necessidades humanas e nisso se mostra mais eficiente que as

tradicionais redes formadas em torno de Asclépio, Ísis, Cibele, Apolo ou Hércules. Jesus Cristo e Maria são mais eficientes que Asclépio e Ísis, Miguel e Sebastião resolvem melhor as coisas que Hércules e Apolo. Isso acontece porque o movimento cristão rompe com o postulado romano de um inexorável e intransponível distanciamento social entre os "bem-nascidos" e seus inferiores (na maioria escravos). Ele se sustenta no pressuposto contrário: somos todos filhos e filhas de Deus, portanto irmãos e irmãs. Voltarei ao tema na conclusão do ensaio.

3)A Luta a favor da Vida

Não basta descrever a luta do cristianismo nos primeiros séculos como uma luta pela Ortodoxia, contra o paganismo e as heresias. A grande luta é a favor da vida e contra os males que a afligem. Uma luta a favor do bem-estar, da saúde e da dignidade. Pode ser que os atendentes nos templos de Asclépio estejam mais empenhados em lutar pela saúde de seus pacientes que seus colegas cristãos em suas Igrejas. As parteiras que invocam o nome de Isis, Cibele ou Magna Mater, em sua luta contra a mortalidade materna, não devem ser consideradas inferiores àquelas que atuam em maternidades cristãs. Não se pode rasgar o paganismo das páginas da história. O que acontece é que Cristo, Maria e os Santos, num determinado momento, se mostram mais eficientes no combate aos males que afligem a vida humana.

Não procuremos explicar a vitória do cristianismo contra o chamado paganismo por meio da mudança de símbolos, ou seja, de imagens, gestos ou ritos. É a ação social e política que explica essa vitória.

Fonte: Eduardo Hoornaert, Origens do Cristianismo.